

Vidas em questão: uma introdução à pesquisa biográfica

Brian Roberts

Biographical Research

Buckingham: Open University Press, 2002.

Resenhado por Marco Aurélio Santana*

AS RELAÇÕES ENTRE INDIVÍDUO E SOCIEDADE têm animado e acompanhado a reflexão sociológica desde a sua origem no mundo moderno. Em termos explicativos se buscava, ainda que não exclusivamente, explicar e/ou compreender fatos e ações sociais pela via da “determinação” da sociedade ou pela via da “liberdade” e “autonomia” da agência humana, do indivíduo.¹ O corte entre “agente” e “estrutura” estava dado.

De forma esquemática, estes tipos de explicação na sociologia clássica se desenvolveram em duas perspectivas: a “estruturalista” e a “acionalista”. Émile Durkheim seria um dos precursores da primeira e Max Weber da segunda. Mesmo Karl Marx desenvolveu, a partir de sua perspectiva dialética, uma idéia a respeito, que pode ser sintetizada na já conhecida afirmação de que os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem como querem e sim sob condições determinadas.

Deve-se lembrar, contudo, que em termos de seu desenvolvimento, a sociologia primou pela aproximação às perspectivas que separavam

* Professor do Departamento de Filosofia e Ciências Sociais e do Mestrado em Memória Social e Documento, da Universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO).

¹ Não cabe aqui uma abordagem mais ampla e aprofundada desta questão, mas vale lembrar apenas que, apesar das menções exclusivas ao desenvolvimento da sociologia, em muito, elas poderiam ser feitas a outras disciplinas como a história, a filosofia e a psicanálise, por exemplo.

os opostos. Mesmo a tradição marxista acabou por se dividir entre uma leitura mais “estruturalizante” do pensamento de Marx (em Louis Althusser, por exemplo) ou uma mais “individualizante” (em John Elster, por exemplo).

Pode-se dizer que a discussão sobre o “biográfico” caiu neste mesmo conjunto de reflexões. A idéia de biografia pode ser atribuída também ao mundo moderno. Tendo “inventado” o “indivíduo”, e cada vez mais promovendo e intensificando o “individualismo”, a modernidade abria as possibilidades de uma perspectiva que o libertaria das peias e dos entraves sociais em termos de pensamento e prática.

De certa forma, a idéia biográfica sempre esteve sobre um crivo de críticas em termos acadêmico-científicos, seja por sua vinculação com uma dada noção, em estilo apologético, do “grande herói” ou do “gênio” que se movia para além da história e das estruturas e contextos a sua volta; seja por conta de suas possíveis “inconsistências” e “maquiagens” em sua construção ou narrativa; seja ainda pela sua vinculação à fluída a uma idéia de “indivíduo” e “trajetória individual”. Um exemplo relevante de tal crítica pode ser encontrado nas formulações de Pierre Bourdieu que nos lembra dos perigos do que chamou de “a ilusão biográfica”.

Em um outro extremo, tínhamos análises biográficas em que as práticas dos indivíduos estavam tão determinadas pelo contexto onde agiam que o próprio personagem, enquanto tal, “desaparecia” ou poderia ser “substituído” por qualquer outro, pois ele não importava. O que importava era o contexto, as determinações.

Porém, as relações entre indivíduo e sociedade foram sendo cada vez mais percebidas de forma menos exclusiva, de uma determinação de um pelo outro, em um caminho de mão única. Jeffrey Alexander qualificou tal *démarche* de “o novo movimento teórico”. Foi-se firmando a idéia de o entendimento das percepções e práticas individuais não estava necessariamente contra (mas também não poderia ser reduzida a) uma explicação de corte mais generalizante, e que poderia mesmo complexificar tal explicação, clarificando cenários mais amplos. Promoveria-se, assim, a necessidade de um diálogo maior entre as duas mãos desta via, uma lançando luz sobre a outra. Esta perspectiva fica bem demonstrada pelas formulações e análises biográficas de Giovanni Levi e Norbert Elias, apenas para citar dois exemplos.

Enfim, qualquer que sejam as formas de aproximação ensejadas, as relações entre indivíduo e sociedade seguem estimulando nossa capacidade de analisar e transformar a vida em sociedade.

O livro *Biographical Research*, de Brian Roberts, deve ser saudado como uma ótima contribuição a esse respeito, fornecendo novo instrumento às disciplinas das ciências humanas e sociais que têm se debruçado sobre as articulações e entrelaçamentos entre a vida individual e a social. Ainda não traduzido no Brasil, poderia figurar tranqüilamente no rol de livros a serem publicados futuramente em nosso país, dado o seu alcance como ferramenta acadêmica. O autor é um velho conhecido de nossos congressos internacionais da *International Oral History Association* (IOHA) e da *International Sociology Association* (ISA), sempre debatendo, entre outras, a questão das possibilidades e interfaces entre a história oral e o campo mais amplo dos estudos biográficos.

Publicado no âmbito da coleção “Understanding Social Research”, na verdade, o texto é pensado como uma espécie de “manual”, que pode ser de grande auxílio não só aos “iniciados” ao tema, como também a um público mais amplo, interessado em adentrar num universo tão rico e complexo. Serve bem ao propósito de apresentar aos estudantes de ciências sociais, as formas do “fazer” desta ciência, em geral, e de alguns de seus métodos, em particular.

Contudo, apesar de seu alvo introdutório, o texto é vazado sem que se reduza ou simplifique em demasia, como é comum e compreensível neste tipo de obra, a abordagem e o tratamento de muitos dos temas por ele analisados. Assim, ele não faz somente uma “introdução” de idéias já estabelecidas, mas avança nas discussões das mesmas, abrindo, inclusive, novos pontos de vistas.

No que diz respeito à estrutura do livro deve-se dizer que ela facilita em muito ao leitor e aos possíveis usos a serem feitos do texto. Ao longo de seus dez capítulos são apresentadas bibliografias com recomendação de leituras, boxes informativos e um “estudo de caso”, a partir de um trabalho relevante sobre o tópico tratado. Além disso, ao fim do livro, há um pequeno glossário que amplia ainda mais a compreensão dos termos utilizados.

Agregando amplo conhecimento do tema (e das áreas estudadas) e com grande capacidade expositiva, Brian Roberts percorre, histórica e conceitualmente, a trajetória dos estudos biográficos. Há informações

no livro acerca do surgimento do interesse pelo estudo de “vidas”, dos “indivíduos” e suas “trajetórias” no tempo e espaço, bem como sobre a maneira pela qual tal interesse foi adquirindo formas diferentes, exigindo métodos distintos e espraiando-se para disciplinas as mais variadas.

Segundo ele, o livro “cobre um amplo campo de disciplinas, como elas influenciam umas as outras e questões centrais, em termos analíticos e metodológicos, no estudo de vidas”. Neste sentido, o autor indica que se furta de uma definição mais precisa e restritiva do que seria a pesquisa biográfica, preferindo “indicar várias, às vezes inter-relacionadas, abordagens para o estudo de indivíduos”, as quais incorporam não só tipos de pesquisa (por exemplo, em história oral, em sociologia, etc.), como também fontes biográficas (por exemplo, textuais, orais, visuais e multimídia).

Entretanto, ele avança uma possível ampla definição do espectro abarcado afirmando que “a pesquisa biográfica é um campo de estudo excitante, estimulante e em rápido desenvolvimento, o qual procura compreender as experiências de mudança e a percepção dos indivíduos em sua vida cotidiana, o que eles vêem como importante e como eles fornecem interpretações dos relatos que dão acerca do passado, presente e futuro”. A pretensão da pesquisa biográfica, em suas várias orientações seria, então, “recolher e interpretar a vida dos outros como parte da compreensão do humano”.

Assim, o autor expõe e analisa os “usos da pesquisa biográfica”, sem esquecer de assinalar também os dilemas e impasses vividos pelos pesquisadores em sua aplicação, e eles não são poucos. Dentre as diferentes possibilidades e usos, o autor indica, entre outras, a história de vida, a autobiografia e a biografia, a história oral, a análise narrativa, os estudos da memória e a etnografia, dedicando a cada um deles um capítulo.

Ele assinala que ao longo de sua existência, tal perspectiva teve sempre de lidar com certa desconfiança e descrédito de vários setores científicos. No mais das vezes, quando não negada, era relegada à posição secundária frente às possibilidades e alcance das explicações estruturais. Porém, mais recentemente, pode-se mesmo falar de uma “virada biográfica”, já que se ampliam o entendimento e a aceitação da pesquisa biográfica, à medida que se percebe que ela possibilita a exploração “em diversos caminhos interpretativos e metodológicos, de

como os relatos que os indivíduos fazem das experiências de suas vidas, podem ser entendidos no interior dos marcos estruturais e culturais contemporâneos, e assim, auxiliar-nos a mapear em mais detalhes mudanças sociais em curso, não somente a partir dos níveis sociais mais amplos”.

O grande auxílio da pesquisa biográfica, portanto, residiria “na tarefa de compreender as mudanças sociais, incluindo aí as formas pelas quais as novas experiências são interpretadas pelos indivíduos na família, pequenos grupos, instituições”. Creio que o livro de Brian Roberts fornece importante ferramenta neste sentido.